



AGROECOLOGIA E PERCEPÇÃO AMBIENTAL COM RELAÇÃO À CONSERVAÇÃO BIOFÍSICA DO AMBIENTE NO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Lezita Zalamena Schmitt – URI Erechim, RS – PPG Ecologia. lezitazs@yahoo.com.br;

Ana Cláudia Piovezan Borges - URI Erechim, RS – PPG Ecologia. anacpborges@hotmail.com; Itamar Luís

Gonçalves - URI Erechim, RS. itamar3141@yahoo.com.br; Alice Teresa Valduga - URI Erechim, RS - PPG

Ecologia. valice@uricer.edu.br

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar é responsável pela produção de grande parte dos gêneros alimentícios, esta busca o sustento de forma alternativa, isenta da interferência de terceiros. Este sistema de produção tem por filosofia a preservação do meio ambiente. Em paralelo, a agroecologia consiste em um modelo de agricultura que resulta na chamada "produção limpa", de características ecológicas, "alternativas" aos produtos da "Revolução Verde" (Neto, 2007). Para esta modalidade de prática agrícola sustentável os atores sociais precisam incorporar em sua filosofia de vida a percepção ambiental aguçada, de forma a tratar o meio ambiente com consciência para deixar um legado ambiental à sobrevivência das gerações futuras. A percepção ambiental tem se destacado como fenômeno que associa a psicologia com a sociologia e a ecologia, auxiliando na compreensão das expectativas, satisfações e insatisfações da população no tocante ao meio ambiente e ao ecossistema, relacionados à qualidade de vida e bem-estar social (Okamoto, 1996).

OBJETIVO

O objetivo do presente estudo foi avaliar a percepção agroecológica de consumidores, produtores e dirigentes pertencentes às cooperativas de agricultura familiar da microrregião de Santa Rosa/RS.

MATERIAL E MÉTODOS

A microrregião de Santa Rosa é composta por 13 municípios com população estimada de 157.276 habitantes e área de 3.451.598 km² (IBGE, 2010). Predomina nesta região relevo irregular, o que limita a produção agrícola convencional extensiva. Os entrevistados faziam parte de 5 cooperativas de produção familiar. Fez-se o uso de entrevistas como instrumento de pesquisa. Participaram da pesquisa três grupos sociais, totalizando 466 participantes, todos eles maiores de idade: (1) 306 produtores, (2) 150 consumidores, correspondendo a um valor mínimo de 30 por cooperativa e (3) 10 dirigentes. Os atores foram questionados em relação à suas concepções quanto ao intervalo de tempo, a partir da última aplicação de defensivos químicos necessário para a depuração do solo, para iniciar a modalidade de produção agroecológica. O valor médio de tempo obtido para cada grupo social foi comparado pela análise de variância ANOVA, adotando 95% como intervalo de confiança. Da mesma forma, buscou-se avaliar a importância e as medidas julgadas por eles necessárias para preservação e conservação do ambiente.

RESULTADOS

A análise mostra que 50,88% dos entrevistados julgaram ser necessário ao mínimo 5 anos isentos de uso de

defensivos agrícolas para dar início à prática agroecológica. Uma pequena parcela, correspondendo à 2,68% estimam que um ano é suficiente para atingir tal objetivo. Entre os grupos de atores sociais não foi observada diferença estatisticamente significativa, sendo $3,93 \pm 1,21$ anos para os produtores, $4,06 \pm 1,15$ anos para os consumidores e $3,3 \pm 0,64$ anos para os dirigentes. Limitar o uso de agrotóxicos foi a medida mais mencionada como alternativa capaz de mitigar a conservação do solo, dos recursos hídricos e da biodiversidade. Embora os participantes identifiquem nos agrotóxicos um problema, 81,70% deles admitem fazer uso de produto químico, entre os quais estão fertilizantes, inseticidas, fungicidas e herbicidas, principalmente no cultivo do milho necessário à subsistência da produção animal.

DISCUSSÃO

Os grupos sociais têm consciência dos cuidados que devem ter no manuseio e aplicação de defensivos agrícolas e dizem evitar seu uso na produção de gêneros alimentícios que julgam ser de importância na dieta humana, assim como outros estudos apontam (Recena e Caldas, 2008). No entanto, estudo revela que herbicidas são transferidos aos níveis tróficos consecutivos da cadeia alimentar (Peres e Moreira, 2003). Dados da ANVISA mostram que 1/3 dos alimentos consumidos cotidianamente pelos brasileiros estão contaminados por agrotóxicos (ANVISA 2011). Relatam que muitas vezes o uso de agrotóxicos se faz necessário para manter o sustento familiar em função do custo e da escassez de mão de obra, não havendo esta situação adversa estão dispostos a não fazer o uso de agrotóxicos. O uso de agrotóxicos em muitas ocasiões pode acarretar problemas à própria agricultura, ao agravar a proliferação de pragas e doenças que se tornam resistentes (Paschoal, 1979). Ao mesmo tempo pesquisas tem mostrado que os gastos em saúde decorrentes de problemas relacionados ao uso de agrotóxicos se sobressaem ao aumento na lucratividade por eles gerado, o que poderia resultar em uma forma de incentivo à transição agroecológica (Soares e Porto, 2009).

CONCLUSÃO

Informações sobre o comportamento ambiental dos agrotóxicos são pouco descritas pela literatura, no entanto os atores sociais acreditam que o solo necessita de um tempo superior a cinco anos para degradar parte deles. As medidas para preservação do solo estão centradas ao não uso de agrotóxicos em detrimento à constituição de uma filosofia de vida voltada às inter-relações dos ecossistemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANVISA. Programa de Análise de Resíduo de Agrotóxico em Alimentos (PARA), dados da coleta e análise de alimentos de 2010, ANVISA, dezembro de 2011. Disponível em www.anvisa.gov.br acessado em 21 dez 2011.
- NETO, C.C. 2007. As dimensões territoriais da agroecologia e do agronegócio e os alcances e limites da noção de sustentabilidade. *Revista Brasileira de Agroecologia*. v.2, p. 17-40.
- OKAMOTO, J. Percepção Ambiental e Comportamento. São Paulo: Plêiade, 1996. 200p.
- PASCHOAL, A. D. 1979. Pragas, praguicidas e a crise ambiental: problemas e soluções. Fundação Getúlio Vargas, 102 p.
- PERES, F.; MOREIRA, J. C. 2003. Veneno ou remédio? Agrotóxicos, saúde e ambiente. Fio Cruz, 348 p.
- RECENA, N. C. P.; CALDAS, E. D. 2008. Percepção de risco, atitudes e práticas no uso de agrotóxicos entre agricultores de Culturama, MS. *Revista Saúde Pública*, v. 42, p.249-301.
- SOARES, W. L.; PORTO, M. F. S. 2009. Estimating the social cost of pesticide use: An assessment from acute poisoning in Brazil. *Ecological Economics*, v.68, p. 2721–272.